

**RELIGIOSIDADES
NOS MUSEUS**

© Copyright

Carolina Barcellos Ferreira

Design e Capa

Fernando Braga

Fotografia

Raphael Azevedo

RELIGIOSIDADES NOS MUSEUS

CAROLINA BARCELLOS FERREIRA

Este livreto faz parte de dissertação de mestrado defendida na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) – através do programa Profhistória (Mestrado Profissional em Ensino de História).

Orientado pela professora Doutora Carina Martins Costa e financiado pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Sumário

Religiosidade nos museus	7
Museu Histórico Nacional	9
Museu Nacional	
Exposição Kumbukumbu: África, Memória e Patrimônio	21
Museu da Maré	30
Vocabulário	40

Religiosidades nos museus

Quando você visita um museu, o que você espera encontrar? Obras de arte? Múmias? Fósseis? E objetos religiosos? Isso mesmo! Objetos religiosos, você espera encontrar objetos religiosos em museus?

Pode parecer curioso, mas existem muitos objetos de origem religiosa nos museus da cidade do Rio de Janeiro, das mais variadas religiões e com as mais diversas histórias.

Este livreto traz a história de algumas destas coleções e peças de museus. Através de suas páginas, vamos percorrer um pouco das histórias do Museu Nacional, do Museu Histórico Nacional e do Museu da Maré. Você já foi a algum deles?

Você ou sua família possuem alguma crença religiosa? Você tem algum objeto que tenha relação com alguma religião?

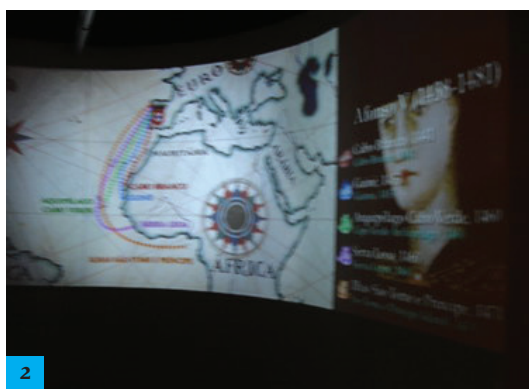
Os objetos dos quais falaremos lidam com símbolos e crenças que têm sua origem em diversos continentes, como a África e a Europa e foram reformulados pelos brasileiros. Hoje são representados em museus.

Mas, como objetos religiosos foram parar em museus? E por que estão lá hoje em dia?

Ao longo desta jornada, você irá conhecer um pouco da história destas coleções e objetos e participar comigo da feitura deste livro. Eu vou fazer uma parte da pesquisa, você vai fazer outra e assim, juntos, nós vamos ter um livro só nosso.

Os objetos cujas histórias você vai ler neste livro podem ser vistos nas seguintes exposições:

- 1 **Museu da Maré — Exposição Tempo da Fé**
Avenida Guilherme Maxwell 26 — Maré
- 2 **Museu Histórico Nacional — Exposição Portugueses no mundo**
Centro do Rio de Janeiro
- 3 **Museu Nacional — Exposição Kumbukumbu**
Quinta da Boa Vista — São Cristóvão



O Museu Histórico Nacional

O Museu Histórico Nacional foi inaugurado em 1922. Sua criação fez parte da comemoração dos 100 anos da independência do Brasil e a proposta de seu idealizador, o senhor Gustavo Barroso, era mostrar o país de uma forma heroica, dando destaque para as batalhas e guerras que ajudaram a formá-lo.

Hoje em dia, quase 100 anos depois, este museu ainda tem muitos objetos que transmitem essa ideia de poder, mas ele também tenta se renovar mostrando que a história do Brasil é bem mais do que isso. Será que ele consegue? Depois que você o visitar, voltamos a conversar sobre isso...

Exposição "Portugueses no mundo"

A exposição "Portugueses no mundo", aberta ao público desde 2009, tenta contar um pouco da história desta nossa terra quando ainda estávamos sob domínio dos portugueses. Ela fala de um período conhecido nos livros de história como Brasil colonial ou Brasil Colônia, combinando objetos históricos e obras de arte contemporânea.

Por que você acha que deram este nome para a exposição? Qual outro nome ela poderia ter? (Para responder essa, acho que você vai ter que visitar a exposição toda!)

Montar uma exposição grande como essa levou tempo e dinheiro! Foram meses para que tudo estivesse pronto para a visitação. E, para montar tudo, foram necessários investimentos vindos da Associação dos Amigos do Museu Histórico Nacional, do IBRAM, da Petrobrás, da Caixa Econômica, do BNDES e também de empresas privadas.

A maioria dos objetos já pertencia ao museu, fazendo parte da exposição anterior ou ficando conservada em sua reserva técnica, mas o museu também comprou alguns objetos, como, por exemplo, o "Altar de Oxalá", que nós vamos ver nas páginas seguintes.

Reserva técnica é aquele local onde ficam protegidos os objetos que o museu tem, mas não estão expostos.

Quando objetos religiosos são expostos em museus, a maioria deles perde qualquer qualidade espiritual que tenha no interior da religião de sua origem. Não é comum ver pessoas rezando ou participando de qualquer tipo de culto perto desses objetos.

Eles são vistos nesses novos espaços como objetos que representam a arte, a cultura ou a história de uma região ou grupo.

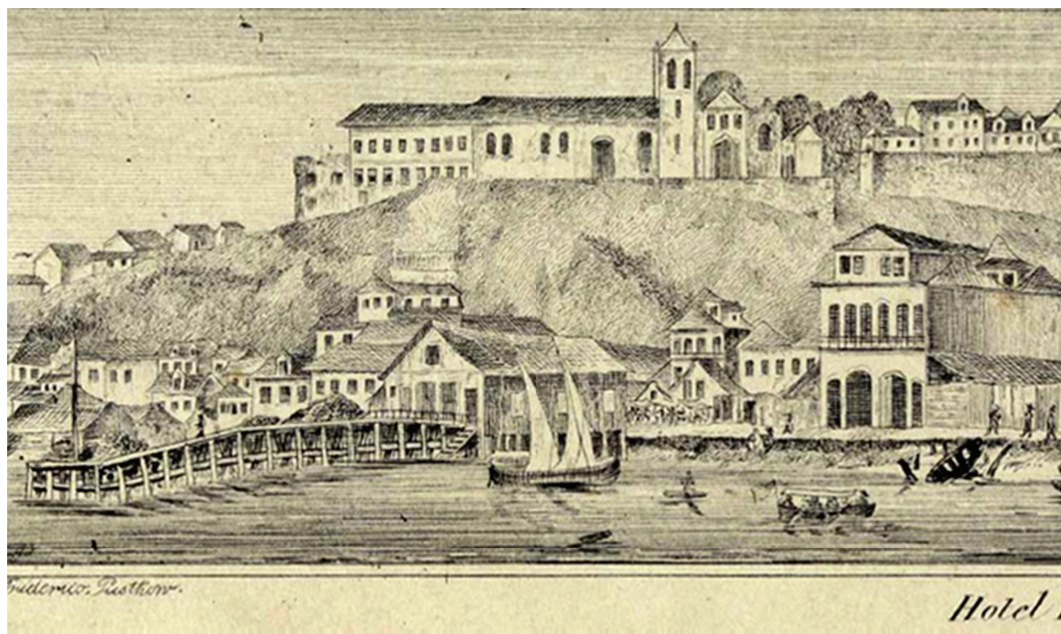
Você teria medo ou qualquer tipo de receio de encontrar objetos de outras religiões que não a sua em museus?

Vamos ver alguns exemplos desses objetos que estão expostos no Museu Histórico Nacional...

Da Igreja para o museu...

Os portugueses que ocuparam a América a partir do século XVI trouxeram para cá também a sua fé e seus objetos religiosos.

Era parte do objetivo deles, além de conquistar a terra, converter os indígenas ao catolicismo e, para isso, vieram muitos padres para cá e criaram-se muitas igrejas.



Gravura de Friedrich Pustkow, de 1850, ao fundo o Morro do Castelo e a Igreja de Santo Inácio no topo.

Entre elas, a Igreja de Santo Inácio, construída em 1588 pelos jesuítas, no Morro do Castelo, centro do Rio de Janeiro.

Em 1922, o Morro do Castelo foi demolido durante a gestão do prefeito Carlos Sampaio. Argumentava-se na época que o morro precisaria ser derrubado para que o ar pudesse circular no centro da cidade. Já pensou o que é derrubar um morro inteiro, suas casas e demais construções?

Várias casas e construções foram destruídas nesta demolição, mas partes da igreja fundada pelos padres jesuítas foram preservadas. Algumas estão

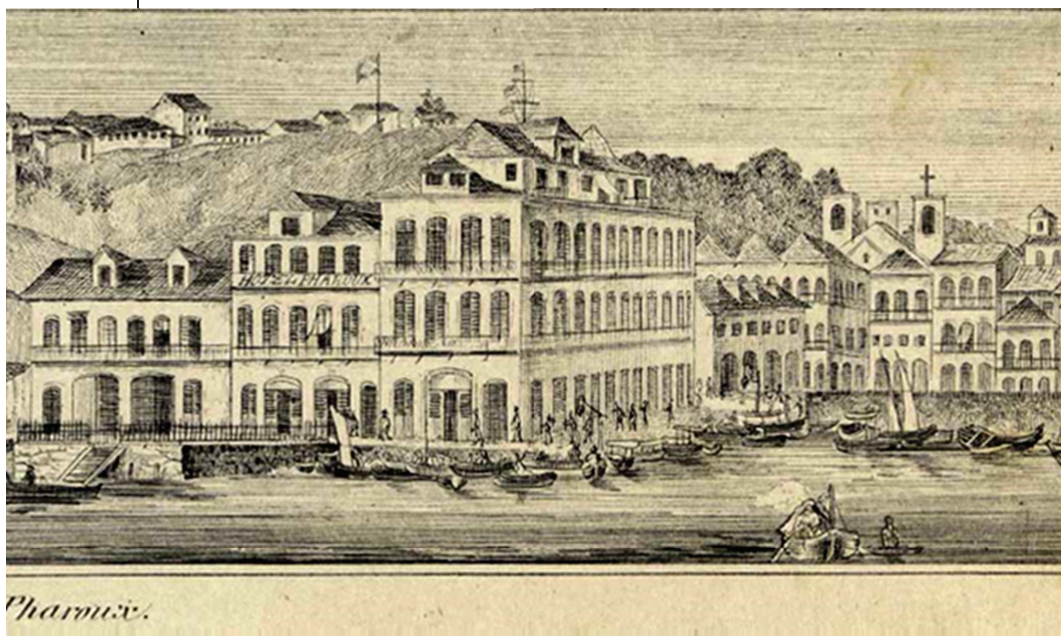
Você reconhece este lugar? Como imagina que ele seja hoje em dia?

Que tipo de imagem é esta?

De onde parece que o autor da obra está vendo a paisagem?

Você consegue encontrar as duas igrejas católicas mostradas na imagem?

Qual delas seria a Igreja de Santo Inácio que foi demolida?



no atual colégio Santo Inácio, em Botafogo. Outras partes foram levadas para o Museu Histórico Nacional, ainda em 1922, depois da demolição. Por que será que quiseram preservar estas partes?

Um dos objetos mais antigos do Museu Histórico Nacional que tem a ver com essa história é este pedaço de pedra que fazia parte da fachada da Igreja de Santo Inácio.

Você conhece outras igrejas católicas tão antigas como esta, mas que não foram demolidas? Em que locais? Você já entrou em alguma delas? Como são por dentro?



MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. FOTO: RAPHAEL AZEVEDO

Que detalhes na imagem nos permitem afirmar a origem religiosa do objeto?
Você saberia dizer qual religião este objeto representa?
E o significado de IHS?

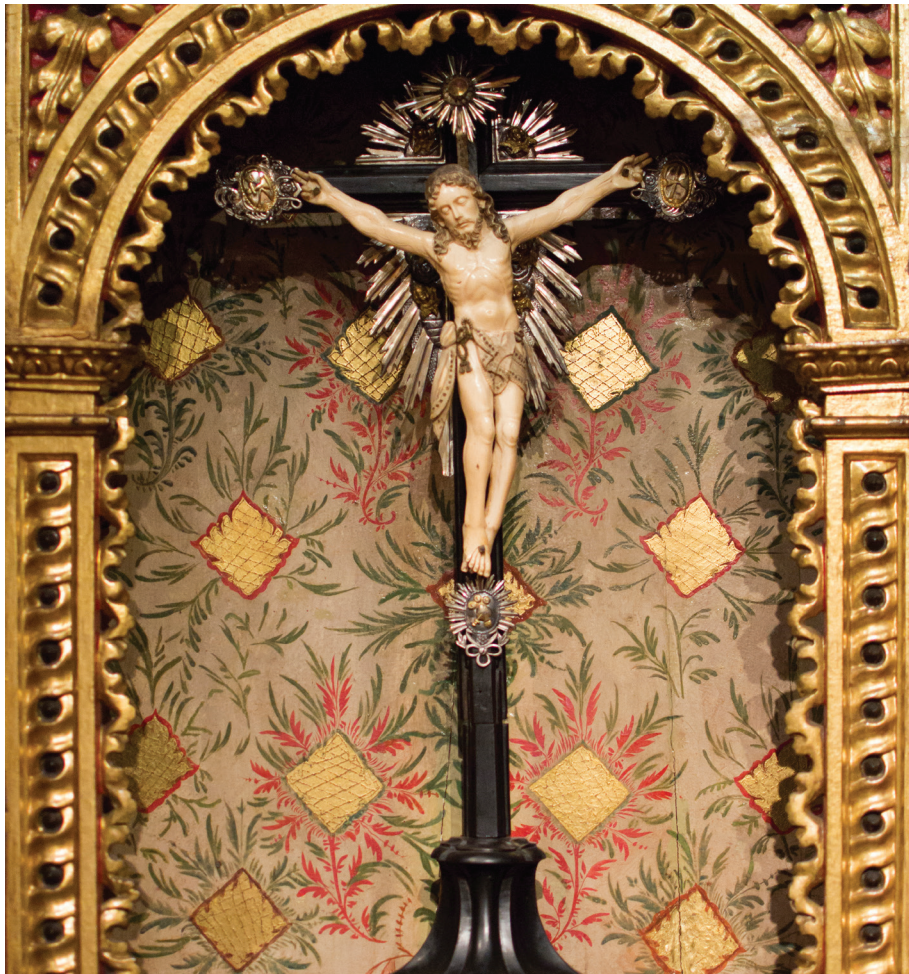
Da Caixa Econômica Federal para o museu...

Outros dois objetos que remetem à religiosidade católica e que fazem parte do acervo do museu são este oratório do século XVIII e o crucifixo que está dentro dele.



MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. FOTO: CAROLINA FERREIRA

Você sabe o que é um oratório? E um crucifixo?
Você saberia dizer que passagens bíblicas eles representam?



MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. FOTO: RAPHAEL AZEVEDO

De que material parecem ser feitas as peças?

Oratórios são uma espécie de pequeno altar onde se colocam imagens religiosas católicas, especialmente de santos, da mãe de Jesus ou, como nesta imagem, crucifixos.

Embora estejam juntos na exposição, eles não chegaram juntos ao museu, nem fazem parte da mesma coleção.

O crucifixo fazia parte de uma grande coleção de esculturas de marfim do senhor Sousa Lima, que penhorou as suas mais de 500 peças junto à Caixa Econômica Federal em 1933, e não pagou o empréstimo.

O que é penhorar?

Quando alguém dá um bem, seja uma joia ou uma obra de arte, ao banco, em troca de um empréstimo, dizemos que aquela pessoa penhorou o bem. Funciona assim, você dá o objeto valioso de garantia e quando pagar o valor total que pegou emprestado, eles te devolvem.

Segundo alguns documentos da época, parece que Souza Lima não pretendia reaver os objetos, mas deixar para que o Museu Histórico Nacional conservasse as obras em seu acervo.

Em 1940, o governo federal disponibilizou a quantia de 100 contos de réis para o Museu Histórico Nacional pagar ao Banco a penhora e levar a coleção para o museu.

E assim, de um empréstimo não pago, mais de 500 esculturas, entre elas este crucifixo, passaram a fazer parte do acervo do museu.

Já a origem do oratório, formado por duas peças – uma superior e outra inferior – é bem mais difícil de explicar. Nas fichas e documentos do MHN onde deveriam estar as informações sobre o objeto, está escrito apenas " Não achei". Isso mesmo, o objeto entrou no museu, mas não há nenhum dado sobre como isso aconteceu. Tudo o que se sabe é que é um oratório do século XVIII, produzido em Minas Gerais.

E hoje em dia, você vê objetos como esses nas casas das pessoas? Você conhece algum outro tipo de decoração que remeta à religiosidade na casa de amigos ou vizinhos?

Depois dessa conversa você não ficou com vontade de visitar algumas das igrejas mais antigas da cidade? Será que existem oratórios dentro delas? E crucifixos de ouro, prata ou marfim? Caso você vá, e seja permitido, não esqueça de tirar fotos!



Espaço para foto

Legenda: _____

Do colecionador para o Museu...

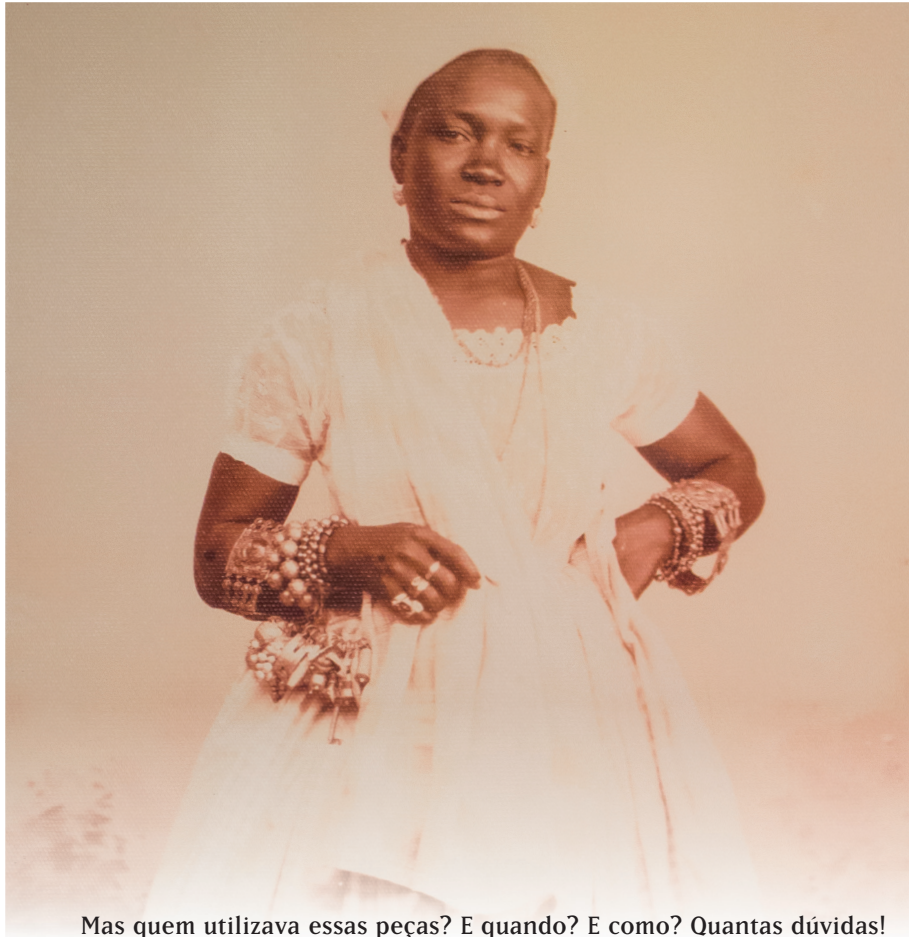
O Museu Histórico Nacional não tem somente peças que se referem à religiosidade dos descendentes de europeus. A exposição sobre o período colonial, embora tenha o nome de "Portugueses no mundo", também faz referência às religiosidades de origens africanas.

Um dos objetos presentes neste museu que representam as religiosidades dos africanos e seus descendentes no Brasil são as penças de balangandãs.



MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. FOTO: RAPHAEL AZEVEDO

Estas espécies de pingentes na imagem acima são os chamados balangandãs. Quando temos vários deles juntos assim, dizemos que temos uma pença de balangandãs. Você consegue identificar de qual material é feita esta joia? E quais são os adereços que fazem parte dela?



MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. FOTO: RAPHAEL AZEVEDO

Mas quem utilizava essas peças? E quando? E como? Quantas dúvidas! Estas peças eram utilizadas no braço ou em volta da cintura, tipo um cinto, pelas baianas no século XIX.

Eram uma espécie de amuleto, com pingentes que simbolizavam suas crenças religiosas ou episódios de suas vidas e só eram utilizadas em ocasiões especiais.

Curiosamente, esta penca de balangandãs que está no Museu Histórico Nacional fazia parte da coleção do senhor Miguel Calmon, político baiano que reuniu em vida diversas obras de arte e joias. Não sabemos como ele adquiriu a joia, a que baiana pertenceu, nem por que ele reuniu estes objetos.

Só sabemos que, em 1935, ele faleceu e sua viúva, Alice Calmon, decidiu doar sua coleção para o Museu Histórico Nacional.

E você, tem alguma joia ou objeto religioso que carregue com você? O que ele simboliza? Você costuma exibi-lo ou prefere que ele fique escondido?

Feito sob encomenda



MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. FOTO: RAPHAEL AZEVEDO

Outro objeto que remete às religiões de matriz africana no Museu Histórico Nacional é a construção denominada "Altar de Oxalá", produzida por Emanuel Araújo, famoso artista plástico e diretor do Museu Afro-Brasil, em São Paulo.

O Museu Histórico Nacional convidou o artista para participar da exposição com uma obra sua e ele escolheu criar um artefato que tivesse a ver com as religiões de matriz africana.

Mas quem é Oxalá?

Oxalá é um dos deuses da mitologia do povo Iorubá, do continente africano.

Mitologia Iorubá? Já ouviu falar? Conheça outros deuses dessa mitologia?

Já consigo ouvir vocês falando:

"Ih, agora vai dar aula de macumba?"

Macumba é um nome genérico e de cunho pejorativo com que se designam as religiões afro-brasileiras, como a umbanda e o candomblé.

Falar que tem um cunho pejorativo significa dizer que é uma forma de falar para ofender e discriminar os adeptos daquela religião.

Também existem termos utilizados para ofender pessoas de outras religiões? Você acha isso correto?

Segundo Nei Lopes, um estudioso das línguas africanas, a palavra macumba tem origem na língua quicongo – makumba, plural de kumba – que significa prodígios, fatos miraculosos. Além disso, também denomina um instrumento musical parecido com o reco-reco.



HTTP://UMBANDA.PONTENNOVA



MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. FOTO: RAPHAEL AZEVEDO

Viu como existem várias formas pelas quais um museu pode reunir um conjunto de objetos? Não são apenas resultados de pesquisas arqueológicas que descobrem múmias e fósseis. Muitos objetos que estão expostos no Museu Histórico Nacional foram doados por famílias ricas, ou comprados pelo museu. Mas nós não sabemos a origem de todos, como é o caso do oratório do século XVIII.

Também o Museu Nacional, localizado na Quinta da Boa Vista, tem objetos de cunho religioso dos quais nós não sabemos quase nada, mas lá é uma coleção inteira que continua a ser pesquisada....

Você já foi lá na Quinta da Boa Vista? Fazer o quê? Sabia que existe um palácio lá, onde morou a família imperial? E que hoje em dia esse palácio é um museu?

Quando a gente chegar lá, dê uma olhada na construção, e pense se você gostaria de morar em um lugar como esse.

Museu Nacional Exposição Kumbukumbu África, Memória e Patrimônio

O Museu Nacional foi inaugurado pelo príncipe português D. João, em 1808, durante a permanência da família real portuguesa no Brasil, e seu acervo contava no início com animais empalhados e artefatos indígenas, além de peças de arte e gravuras. O objetivo de sua criação estava ligado ao desenvolvimento dos estudos ligados à zoologia e botânica na região. Em 1892, ele passou a ocupar o palácio da Quinta da Boa Vista.

Se a exposição do Museu Histórico Nacional pretende contar a história do período colonial a partir da dominação e exploração dos portugueses, a exposição Kumbukumbu, do Museu Nacional, fala das intensas relações entre a África e o Brasil durante os séculos XIX, XX e XXI.

Mas antes de tudo, o que significa Kumbukumbu?

Segundo o próprio site do Museu Nacional, Kumbukumbu é uma palavra de origem Swahili que pode ser traduzida como memória ou patrimônio.

Ah, legal, e o que significa dizer que uma palavra é de origem *Swahili*?

Swahili é o idioma comum de boa parte das populações da costa oriental africana. É uma das línguas oficiais do Quênia, da Tanzânia e de Uganda.

Olha quantos países fazem parte do continente africano!
E tem gente que acha que a África é um único país!



Pois bem, voltando à exposição Kumbukumbu, sabemos que ela foi inaugurada em 14 de maio de 2014 e conta com mais de 185 peças, adquiridas pelo museu das mais diversas formas, incluindo armas de povos africanos do século XIX, presentes dados ao príncipe regente D. João e artefatos do cotidiano de angolanos no século XX.

Para que se conseguisse o dinheiro para montar uma nova exposição com estes objetos de origem africana, o museu entrou em um concurso promovido por um órgão do Estado do Rio de Janeiro e ganhou a verba para arcar com os custos da produção da sala.

Neste livreto, nós vamos falar de duas coleções específicas desta exposição: "Polícia da Corte" e "Heloísa Torres", mas existem várias outras. Que tal se você fizesse um vídeo curto, de um minuto, dizendo o que mais gostou na exposição e convidando outras pessoas para visitá-la também? Que tal usar a hastag #Kumbukumbu?

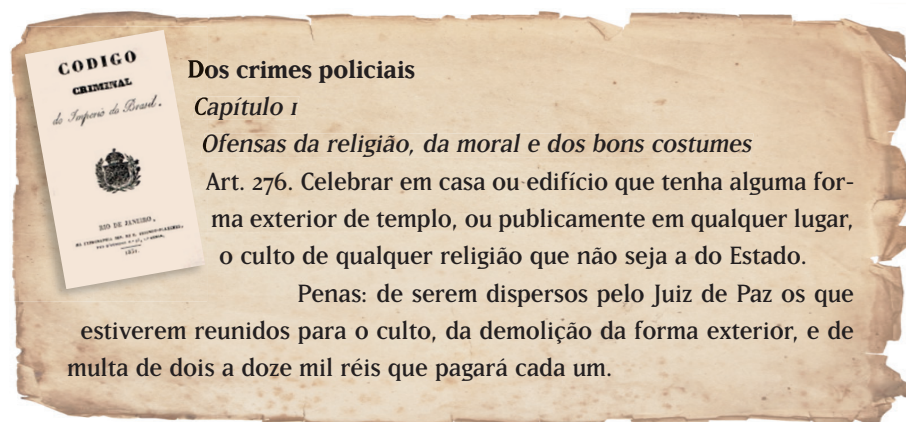
Da delegacia para o museu...

Delegacia e museu? O que uma coisa tem a ver com a outra?

Pois bem, vamos descobrir.

Depois que o Brasil se tornou um país independente, a religião católica tornou-se a religião oficial. Você sabe o que isso significa?

Observe só um recorte do Código Criminal elaborado em 1832.



O que é um templo religioso?

As pessoas podiam praticar livremente qualquer religião no Brasil naquele período?

Qual religião poderia ter seus templos abertos e visitados a todo momento?

Qualquer adepto de outra religião que não fosse a católica sofria limitações a sua liberdade. Os evangélicos, por exemplo, em sua maioria formados por imigrantes europeus, encontravam dificuldades para a realização do casamento, acesso à educação e utilização dos cemitérios, que estavam vinculados à Igreja Católica.

Já os africanos e seus descendentes que eram adeptos das religiões de matriz africana, eram perseguidos nas próprias casas em que realizavam suas festas e rituais religiosos. Estes espaços, conhecidos como "zungus" ou "casas de dar fortuna", eram denunciados pelos jornais da época e invadidos pela polícia sob a justificativa de que feriam os bons costumes e a ordem pública.

Então, como os objetos utilizados nestas casas foram preservados e são exibidos hoje em dia no Museu Nacional, se há mais de 130 anos eles eram proibidos?

Pois bem, como dissemos, era comum naquela época os policiais invadirem estas casas e recolherem os objetos religiosos que encontravam. Para eles, estas peças eram as provas, as evidências de que os membros da reunião estavam praticando uma outra religião.

Estes objetos eram recolhidos nos depósitos da polícia e ficaram guardados por anos...

Até que, em 1880, o diretor do Museu Nacional, Ladislau Netto, enviou um documento ao chefe da polícia da Corte pedindo os objetos religiosos que estavam no arquivo da polícia para o museu.

O diretor do museu acreditava que estes objetos eram de religiões que iriam desaparecer ao longo do tempo e, por isso, por eles mereceriam ficar expostos no museu.



MUSEU NACIONAL. FOTO: RAPHAEL AZEVEDO

Você já viu este objeto? Em que lugar?

De qual cor?

De que material ele é feito na imagem acima?

Vale uma visita ao museu para descobrir, não é mesmo?

Quando os objetos chegaram ao museu, ninguém sabia quem eram os seus donos, onde eles tinham sido fabricados, por quem ou quando.

Como eles foram tomados pela polícia, não se tem até hoje dados sobre tais instrumentos, mas pesquisas estão sendo realizadas para descobrir a procedência destes objetos, se vieram da África ou se foram produzidos no Brasil, além de tentar explicar para que serviam tais artefatos.

Isso não é impressionante? Estas obras tinham para seus donos um sentido religioso, eram os instrumentos que simbolizavam sua fé e suas crenças, mas foram tomados deles e hoje, depois de mais de 100 anos, estão expostos em vitrines com a finalidade de mostrar como eram ricas as suas culturas e religiosidades.

Quando você visitar esta exposição, preste atenção nestes artefatos, será que você sabe quais eram os seus usos?

As religiões de matriz africana já sofreram muitas limitações na sociedade brasileira... E hoje em dia, o que a lei diz sobre as práticas religiosas dos brasileiros? Existem religiões proibidas? A Justiça pode proibir cerimônias religiosas?

Ajude a completar este livro procurando a resposta para estas questões atualmente. Aqui vão algumas dicas para você pesquisar...

Procure no artigo 18 da Declaração dos Direitos Humanos

http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm

Procure pelo artigo 5 da nossa Constituição Federal.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm

Procure no artigo 5 da Lei Orgânica do Município do Rio de Janeiro

http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4946719/4126916/Lei_Organica_MRJ_comaltdo205.pdf

Espaço reservado para a resposta

Da Bahia para o Rio de Janeiro...

Uma outra coleção que inclui objetos ligados às religiões de matrizes africanas no Museu Nacional são as obras reunidas pela diretora do museu entre os anos 1937 e 1955, Heloísa Torres.



Heloísa entrou em contato com estes objetos através de uma pesquisadora norte-americana que veio ao Brasil para um intercâmbio com o Museu Nacional a fim de estudar as religiões de matrizes africanas. Seu nome era Ruth Landes e as bonecas *crioulas* que ela trouxe da Bahia no final da década de 1930 fascinaram a diretora do museu.

Bonecas *crioulas*? Mas isso não é racismo? Preconceito?

Segundo a pesquisadora Mariza Soares, Heloísa chamou essas bonecas de *crioulas* porque esse era um adjetivo que se utilizava na época para nomear as mulheres que eram descendentes de africanas, mas haviam nascido no Brasil.

Entre as peças que ela comprou para a exposição estão as esculturas representadas na próxima página. Elas formam um conjunto denominado "Os Orixás do Candomblé Nagô da Bahia" e foram confeccionadas pelo artesão José Affonso de Santa Isabel, que viveu na cidade de Salvador, na Bahia, e morreu no ano de 1954.



MUSEU NACIONAL. FOTO: RAPHAEL AZEVEDO

Você saberia dizer por que as esculturas estão nuas? Sabe quem está sendo representado pela única escultura branca? E o machado de duas pontas, quem representa?

Quando você visitar o Museu Nacional, não esqueça de olhar a legenda e descobrir quais orixás estão sendo representados em cada uma das peças.

Embora o nome dado ao conjunto das esculturas seja "Os Orixás do Candomblé Nagô da Bahia", elas se referem aos deuses da mitologia lorubá. Nagô foi uma palavra utilizada no Brasil para se referir aos africanos da etnia lorubá.

Heloísa foi pelo menos duas vezes à Bahia adquirir objetos ligados ao Candomblé e hoje eles fazem parte da exposição "Kumbukumbu". Muita coisa desta coleção ainda está sendo pesquisada, e como grande parte foi comprada ou doada, nós sabemos mais da origem e do significado destas obras.

Você já viu outras imagens simbolizando Iemanjá antes? Em que ocasião?

Quais são as diferenças entre as imagens de Iemanjá que você já conhecia e esta feita pelo artesão José Afonso?



MUSEU NACIONAL. FOTO: RAPHAEL AZEVEDO

Você já viu quantas coisas ligadas ao tema da liberdade religiosa nós já discutimos nestas nossas conversas? Falamos da perseguição aos membros de religiões de matrizes africanas, das mudanças nas leis, dos preconceitos...

Mas agora vamos falar da sua vizinhança!

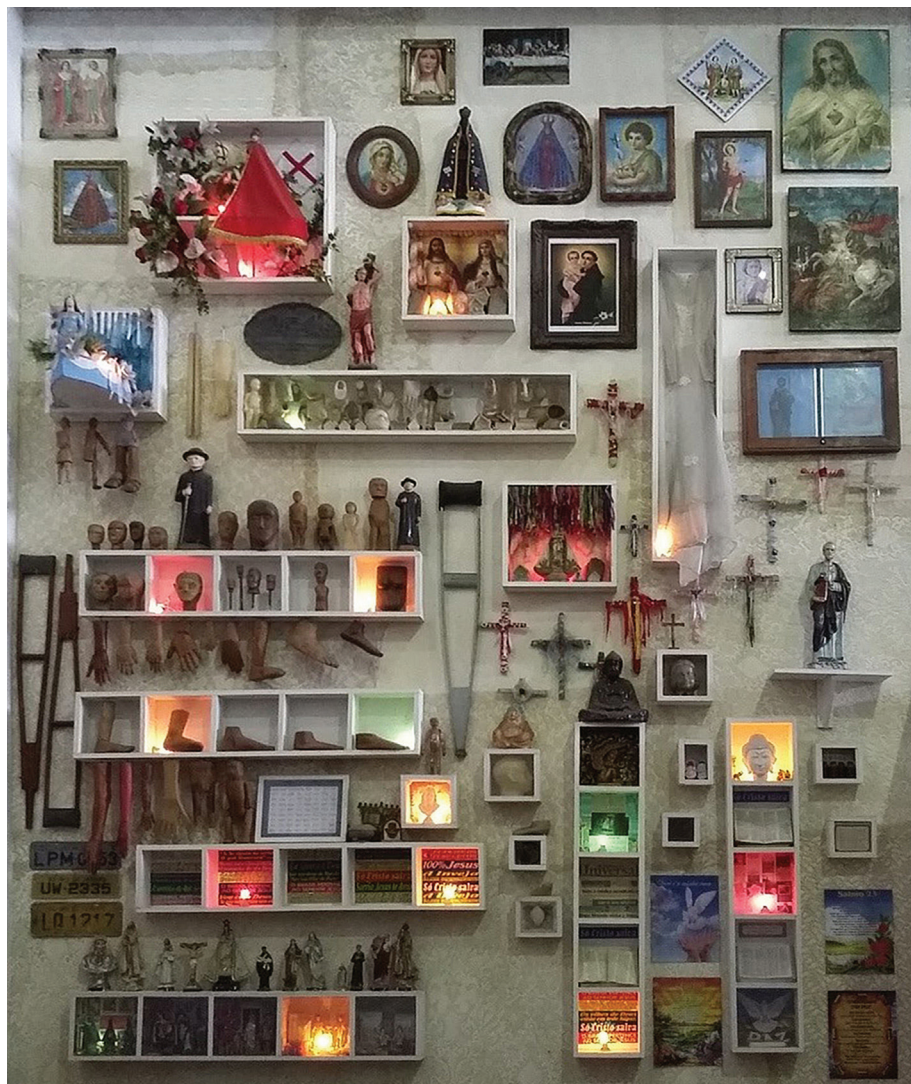
Existe algum templo religioso ligado ao Candomblé ou à Umbanda perto da sua casa? E alguma loja que venda artigos religiosos ligados a estas religiões? Você já foi lá? Frequenta? Se tiver alguma foto, mesmo que seja da fachada, cole aqui.



Legenda: _____

Depois de visitar museus como o Museu Histórico Nacional e o Museu Nacional, vamos ao Museu da Maré.... Você já foi lá?

Museu da Maré



MUSEU DA MARÉ. FOTO: CAROLINA FERREIRA

O Museu da Maré é um espaço que pretende contar a história da comunidade de mesmo nome para além dos relatos de violência e tráfico de drogas pelos quais são conhecidas as muitas favelas cariocas.

A exposição do museu, aberta ao público em 2006, divide-se em doze tempos, que seriam os Tempos da Maré – como o “Tempo da Água”, o “Tempo do Cotidiano” e o “Tempo da Resistência”.

Para continuar nossa reflexão sobre a representação das religiões nos museus cariocas, vamos focar no “Tempo da Fé”, remontado em 2013.

Você consegue reconhecer algum dos elementos da fotografia na página ao lado? Quais? Qual é o sentido das muletas, placas de carro e partes do corpo humano de gesso nesta exposição?

Da Maré para o Museu da Maré...

Boa parte dos objetos que o Museu da Maré expõe foram doados por moradores da comunidade, como, por exemplo, esta escultura representando São Pedro.

Ela foi doada por Eliane Jaqueta, a filha de um antigo pescador que morava no Morro do Timbau, o senhor Jaqueta.

Era costume de sua família, reunida com outras famílias de pescadores, realizar uma procissão marítima em homenagem ao santo e esta era a imagem que conduzia o cortejo.

Depois da doação, a imagem foi restaurada por outro morador da comunidade, o senhor João Lancelot.

Você saberia dizer por que os pescadores faziam uma homenagem justamente a São Pedro? Você já foi a uma procissão? E a uma procissão marítima?



MUSEU DA MARE. FOTO: CAROLINA FERREIRA

A maioria dos objetos religiosos que vemos expostos em museus não possuem mais, para seus visitantes, um significado espiritual, mas esta imagem de São Pedro ainda tem para muitos que visitam o Museu da Maré, um sentido religioso. Algumas pessoas deixam bilhetes com pedidos e promessas próximo à escultura. Quando você visitar o Museu da Maré, preste atenção e veja se existe algum bilhete próximo à imagem...

Atrás de uma renda branca, a exposição "Tempo da Fé" continua com uma representação do que seria um altar de um centro de Umbanda, tão comum na Maré nas décadas de 1970 e 1980, ou um altar que uma pessoa possa ter dentro da sua própria casa, em um espaço reservado.



MUSEU DA MARÉ. FOTO: RAPHAEL AZEVEDO

Quais símbolos religiosos desta imagem abaixo você já viu?
Sua família tem algum deles em casa?
Ainda são comuns estes tipos de altares na casa das pessoas?



MUSEU DA MARÉ. FOTO: RAPHAEL AZEVEDO

Esse ambiente foi montado no museu para evidenciar que as religiões de origem afro-brasileira também fazem parte da história e da cultura da Maré.

Uma parte da coleção de objetos religiosos referentes à Umbanda e ao Candomblé também é formada por objetos que foram doados pela comunidade.

É o caso desta guia, que pertenceu a Delei Pobel, destaque do bloco "Matarameu Gato" e famoso Pai de Santo na região da Nova Holanda e que foi assassinado na década de 1990.

Objetos e fotografias dele foram doados por sua mãe, a senhora Maria Pobel, e hoje fazem parte da exposição e do arquivo do Museu.



MUSEU DA MARÉ. FOTO: RAPHAEL AZEVEDO



MUSEU DA MARÉ. FOTO: RAPHAEL AZEVEDO

Do Mercado de Madureira para a Maré...

Mas nem toda a coleção que faz parte do "Tempo da Fé" foi doada pela comunidade ou pelos visitantes. A partir de uma verba conseguida com a Petrobrás, em 2013, algumas imagens foram compradas prontas pelos responsáveis do Museu da Maré em lojas de artigos religiosos localizadas no Mercado de Madureira e em outros centros comerciais, como o calçadão da cidade de Duque de Caxias. Você conhece as lojas de artigos religiosos desses lugares?

O que a senhora leva à boca?

Por que ele tem um lenço vermelho no pescoço?

O que está em volta da escultura do senhor?

Você saberia dizer quem eles representam?



MUSEU DA MARÉ. FOTO: RAPHAEL AZEVEDO

Já outras imagens, como as que representam os orixás abaixo, foram compradas no gesso puro e depois pintadas por crianças da comunidade em uma oficina de pintura promovida pelo museu. Vamos olhar estas duas imagens com mais atenção?

Com quais cores estas esculturas foram pintadas?

Você saberia dizer por quê?

Que tipo de roupas eles estão usando?

Que tipo de instrumentos eles trazem consigo? O que isso significa?

Quais joias eles trazem consigo?



MUSEU DA MARÉ. FOTO: RAPHAEL AZEVEDO



MUSEU DA MARÉ. FOTO: RAPHAEL AZEVEDO

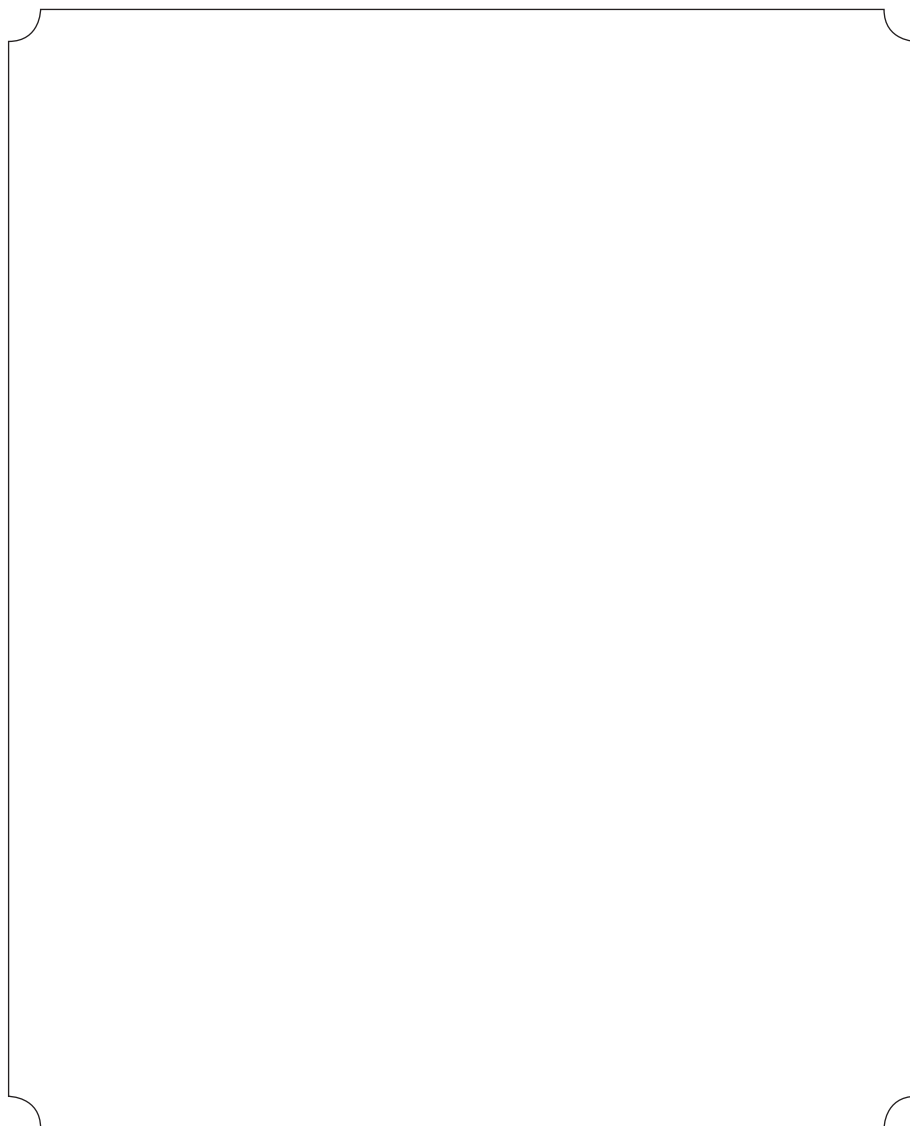
Em entrevista com Marcelo Vieira, uma das pessoas responsáveis pela exposição "Tempo da Fé", ele nos disse que era muito comum até 30 anos atrás a existência de muitos centros de Umbanda e Candomblé na Maré, mas que hoje em dia, os que existem estão escondidos.

Pensando nesta mudança, vem a pergunta: Por que estão escondidos? Será que ainda existe perseguição às pessoas que seguem religiões como a umbanda e o candomblé? Procure em sites, em jornais ou revistas e recorte uma matéria que fale da discriminação religiosa no Brasil atualmente.

Fonte: _____

O que você acha que deve ser feito para que se respeite mais as pessoas que seguem estas ou qualquer outra religião? Será que visitar museus que expõem objetos religiosos entre suas obras ajuda a combater a intolerância? Ajudou você a ser mais tolerante?

Escreva suas impressões



Como vimos, nem todas as peças de um museu têm a mesma história. Os objetos que vemos através das vitrines podem ter sido tomados, comprados ou doados. Podem ter sido dados de boa vontade ou recolhidos à força. Podem ter sido construídos para fazer parte de um museu ou podem ter chegado lá graças ao esforço de alguém ou de um grupo.

Além disso, dependendo da forma como chegaram ao museu, podemos saber quase tudo sobre eles ou quase nada.

A partir de tudo que você leu, tenho certeza que você pode olhar para os objetos da sua casa com outros olhos agora. Qual objeto religioso da sua família poderia fazer parte do acervo de um museu? Em qual dos museus visitados você gostaria que ele estivesse exposto?

Escolha um objeto e faça uma investigação:

O que é?

Para que serve?

O que simboliza?

A quem pertence?

Quando a pessoa adquiriu este objeto?

Mesmo que você ou sua família não sigam uma religião, você pode fazer esta pesquisa com vizinhos ou conhecidos. A ideia principal deste livro não é fazer você seguir uma religião ou outra, mas perceber como os objetos religiosos também têm uma história.

Espero que você tenha gostado de dividir este livreto comigo e também tenha se encantado pelas histórias dos objetos religiosos em museus, como eu me encantei. Quem sabe você até se interessa em pesquisar outras histórias, não? Torço para que sim! Um abraço, Carolina.

Vocabulário

Candomblé: tem origem na palavra *Kamdonbele* e pode significar rezar, invocar, pedir pela intercessão dos deuses. Atualmente é um nome genérico com que se designam o culto aos orixás iorubanos e jejes.

Coleção: Conjunto de objetos.

Financiamento: ajuda em dinheiro para fazer uma exposição, por exemplo.

Jesuítas: Padres da Ordem religiosa Companhia de Jesus

Orixás: entidades sobrenaturais da tradição iorubana, como Oxum e Xangô.

Umbanda: tem origem na palavra *mbanda* e pode significar coisa sagrada, súplica, invocar os espíritos. Designa uma religião brasileira.



Este livro foi composto em Matrix Book
Impresso por Trio Stúdio em papel couchê matte 150g
Rio de Janeiro, junho de 2016